



ΙΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### Tales de Mileto

Por: Júlia Santana Kuhn<sup>26</sup>

[juliask1607@hotmail.com](mailto:juliask1607@hotmail.com)

#### Resumo

A partir do século VIII a.C, por meio dos *genos*, pautando-se na *sophrosyne X hybris* juntamente com a *dikia* e *filia*, estruturou-se a *polis*. Durante o período de transição para esta, haviam os profetas da verdade, os quais podem ser diferenciados em: *aedol* poeta, cuja atividade exercida era por meio das personagens de "significação real e profunda": Musa e Memória. Outros igualmente importantes foram o adivinho e o rei justiceiro. O adivinho era o revelador das coisas divinas e presumidor do destino próximo ou distante e o rei justiceiro tem por função possuir a verdade, ser autêntico e justo. A partir destes últimos, verdade e realidade apresentam diferenciações mais presentes do que com os poetas. Até Aristóteles, a maioria dos pensadores relevantes continuaram tendo em pauta que apenas os deuses detêm conhecimento, havendo distinção entre conhecimento (*sophia*), conhecimento real (*alétheia*), verdade certa (*episteme*) e opinião (*doxa*), a qual os mortais estão aptos e podem contribuir. Em Tales, esses pensadores são vistos como os *sóphos*, os sábios. Com o progresso da polis, contudo, o discurso racional vai tornando-se fundamental para as relações sociais de poder. Logo, a religiosidade degrada-se, paulatinamente, no cenário e "o *lógos* torna-se, acima de tudo, uma realidade autônoma."

**Palavras-chave:** Tales de Mileto; Cosmologia; Teologia; Epistemologia.

#### Resumo

*De la oka jarcento A.C per genos, bazante en la hybris X sophrosyne orgojlon dikia kaj kune kun la filiigita, por strukturita Polis. Dum la transiro periodo por tio, ili havis la profetoj de la vero, kiu povas diferenci en: bardo / poeto, kies aktiveco estis realigita tra la karakteroj de "realaj kaj profunda signifo": Muzo kaj Memoro. Aliaj egale gravaj estis la aŭguristo kaj la reĝo gardisto. La diveno la malkasxanta dia aferoj kaj presumidor proksima aŭ malproksima destino kaj Reĝo gardisto havas la funkcion havas la veron, esti aŭtentika kaj ĝuste. De lasta, vero kaj realeco havas pli nuna diferencoj ol kun la poetoj. Eĉ Aristotelo, la plej gravaj pensuloj daŭre havas en la tagordon, ke nur la dioj tenas scion, ekzistas distingo inter la kono (sophia), vera scio (Aletheia), iuj vero (episteme) kaj opinio (doxa), kiu mortemuloj emas kaj povas kontribui. En Rakontoj, tiuj pensuloj vidas kiel Sophos, la saĝa. Kun la progreso de la polis tamen racia diskurso fariĝos centra al la sociaj rilatoj de potenco. Baldaŭ, religio degradas iom post iom, en la scenaro kaj "logos iĝas, Ĉefe, aŭtonoma realaĵo. «*

**Ŝosilvortoj:** *Rakontoj de Mileto; kosmologio; teologio; Sciteorio.*

<sup>26</sup> É estudante do curso Técnico Integrado de Eletromecânica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR. É participante do Projeto de Extensão "Interdisciplinaridade e Educação Científica por meio do ensino de Astronomia".



## IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

### Summary

From the 8th century BC, through *genos*, based on the *sophrosyne X hybris* together with the *dikia* and *filia*, the polis was structured. During the period of transition to this, there were the prophets of truth, which can be differentiated into: *aedo* / poet, whose activity was exercised through the characters of "real and deep meaning": Muse and Memory. Others equally important were the soothsayer and the king of justice. The diviner was the revealer of divine things and presumed to be near or distant destiny, and the king of justice has the function of possessing the truth, being authentic and just. From these last ones, truth and reality present more present differentiations than with the poets. Until Aristotle, most of the relevant thinkers continued to have in mind that only the gods hold knowledge, with distinction between knowledge (*sophia*), real knowledge (*alétheia*), certain truth (*episteme*) and opinion (*doxa*), which mortals are fit And can contribute. In Thales, these thinkers are seen as the *sphos*, the sages. With the progress of the polis, however, rational discourse becomes fundamental to social relations of power. Thus, religiosity gradually deteriorates in the scenario and "the *logos* becomes, above all, an autonomous reality. "

**Keywords:** *Thales of Miletus; Cosmology; Theology; Epistemology.*

A partir do século VIII a.C, por meio dos *genos*, pautando-se na *sophrosyne X hybris* juntamente com a *dikia* e *filia*, estruturou-se a *polis*. Durante o período de transição para esta, haviam os profetas da verdade, os quais podem ser diferenciados em: *aedol* poeta, cuja atividade exercida era por meio das personagens de "significação real e profunda"<sup>27</sup>: Musa e Memória. Outros igualmente importantes foram o adivinho e o rei justiceiro. O adivinho era o revelador das coisas divinas e presumidor do destino próximo ou distante e o rei justiceiro tem por função possuir a verdade, ser autêntico e justo. A partir destes últimos, verdade e realidade apresentam diferenciações mais presentes do que com os poetas. Até Aristóteles, a maioria dos pensadores relevantes continuaram tendo em pauta que apenas os deuses detêm conhecimento, havendo distinção entre conhecimento (*sophia*), conhecimento real (*alétheia*), verdade certa (*episteme*) e opinião (*doxa*), a qual os mortais estão aptos e podem contribuir. Em Tales, esses pensadores são vistos como os *sóphos*, os sábios. Com o progresso da polis, contudo, o discurso racional vai tornando-se fundamental para as relações sociais de poder. Logo, a religiosidade degrada-se, paulatinamente, no cenário e "o *lógos* torna-se, acima de tudo, uma realidade autônoma."<sup>28</sup>

Anterior da implementação da razão na *polis*, o comodismo em seus modos de pensar não se fazia um problema. Por exemplo, o que seria a vida e a morte nunca foram questionamentos perturbadores, uma vez que a crença estabelecida era completiva de todas as lacunas humanas. A realidade era "concreta"<sup>29</sup>. Ao tratar-se de uma

<sup>27</sup> DETIENNE, M. *Mestres da Verdade na Grécia Arcaica*. Prefácio de Pierre Vidal Naquet - Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. [cap. 2].

<sup>28</sup> Marcílio Bezerra Cruz, Síntese do livro "Mestres da Verdade na Grécia Arcaica" de Marcel Detienne, Piauí, Universidade Federal do Piauí, Cadernos do PET Filosofia, Vol.5, n.10, Jul-Dez, 2014, p.72-82. [p. 79]

<sup>29</sup> Ou seja, a partir da fundamentação religiosa, não se abririam brechas nas concepções e as opiniões, embora divergentes, nada alterariam



IΦ-*Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

filosofia iniciada no século VI, com o sábio Tales de Mileto, vê-se, entretanto, que a partir do instigante ato de questionar, o mesmo se tornou referência devido a suas descobertas, considerações, obras, afirmações e feitos. Investigando-se quais as possíveis interpretações de seu ponto de vista, pode-se, por meio da crítica, supor quais seriam as descobertas e perspectivas obtidas e a que ponto essas nos influenciaram até alcançar a Modernidade.

Apesar de a cosmologia ser um avanço quanto as outras maneiras de se pensar e viver (cosmogonia e teogonia), atualmente, ao depararmos com o modo de aplicação e vivência daquela, são frequentes as críticas a respeito do qual de fato é seu diferencial, uma vez que a religiosidade ainda é um fator intrínseco e a plenitude do pensamento ainda não é clara<sup>30</sup>. Entretanto, ao nos localizarmos conceitualmente, tem-se que o cargo do filósofo - com destaque para a época de Tales- não é escrever. É pensar e, assim, viver o que se pensa.

Sendo assim também, a relatividade dos conceitos traz-nos à tona o fator “pensar” com sua real significância: não apenas raciocinar e refletir sobre, mas evoluir de maneira paulatina sob a tutela da realidade e/ou da verdade.

O diferencial da cosmologia é a aplicação do racionalismo nas visões já existentes, o que não substitui, contudo, a essência do cidadão da *polis*. A cosmologia de Anaximandro é a que se constitui, em poucas palavras, como a de maior senso de realidade e concepção de que se pode ou não ser autêntico<sup>31</sup>, embora seja ainda sem o caráter rígido<sup>32</sup>.

---

em um âmbito geral na sociedade.

<sup>30</sup> Fator que se pode observar em Vernant (VERNANT, P.J. As Origens do Pensamento Grego. Rio de Janeiro: Difel, 2002. 69 p. – Tradução FONSECA, Ísis Borges B. da. [p. 58-59]) quando este ressalta os novos redirecionamentos e as ampliações que a religiosidade toma com o surgimento da polis racionalista.

<sup>31</sup> O que se nota em Popper (POPPER, R.K. O mundo de Parmênides: ensaios sobre a iluminação pré-socrática. Barcelona: A. & M. Gráfico, 1999. 307 p. – Tradução JUNIOR, José Provetti. [p.24-25]), quando este diz a respeito da contraposição de Anaximandro a Tales -por exemplo- mas não em sua totalidade (possivelmente por Anaximandro não ter raciocinado, ou natado outras possibilidades de resposta efetivamente).

<sup>32</sup> O que pode ser interpretado em Popper (POPPER, R.K. O mundo de Parmênides: ensaios sobre a iluminação pré-socrática. Barcelona: A. & M. Gráfico, 1999. 307 p. – Tradução JUNIOR, José Provetti. [p.296-297]) a partir do fato de suas ideais, segundo Khan, formarem o plano de fundo do pensamento cosmológico Ocidental, uma vez que é o motivador e influenciador de Xenófanes e Heráclito e conseqüentemente muitos outros filósofos.

**IΦ-Sophia**

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Um dos fatores muito presentes quanto a forma de se filosofar nos pré-socráticos, no presente caso Tales, é a ausência do empirismo<sup>33</sup>, o qual é levado em pauta quando se analisa um de seus fragmentos: “A terra flutua na água, que é, de certo modo, a origem de todas as coisas”. A base de Tales para tal afirmação é considerada, por Aristóteles<sup>34</sup>, como conhecimento empírico do mesmo a respeito da fisiologia, por ter o exercício da medicina presente em sua família; entretanto, este ainda não se cogita durante tal época, ou não diz respeito a uma área de conhecimento apurada por Tales<sup>35</sup>. Aristóteles tem, portanto, a doxografia pautada nos seus conhecimentos fisiológicos pessoais. O mesmo pode acontecer quando se considera que essa ideia partiu de observações meteorológicas, uma vez que os fenômenos naturais ainda se faziam atribuídos aos deuses, indubitavelmente, como por exemplo, Em termos de desenvolvimento científico, a dedução era o artifício de descobertas. Era fato que havia imprecisão, contudo, inferindo o empírico, ter-se-iam hipóteses. Isso não significa que a subjetividade operava, mas que a objetividade se aplicava de maneira reversa ao cientificismo atual, o indutivo.

Assim sendo, uma das críticas que pode ser tecida a respeito do primeiro fragmento de Tales é que, assim como os navios, objetos sólidos que flutuavam sobre as águas (e tem-se prova de que ele tinha tal ciência ao saber que o mesmo desenvolveu o cálculo das distancias de navios em alto mar, e, portanto, tinha interpretação do fenômeno físico), outro sólido também poderia flutuar sobre a água. Este, no caso, seria toda a extensão da terra. Possuindo a água tamanha capacidade de não apenas suportar, como suportar tudo e todos sobre si, deveria ser reconhecida em uma perspectiva de maior importância.

---

<sup>33</sup> Ou seja, fundamentava sua teoria a partir de um fator experimental, mas sem provas práticas que estivessem dentro de suas capacidades cognitivas, como por exemplo, afirmar a importância da água sem fatalmente saber a sua real essencialidade.

<sup>34</sup> Apresentada em KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. (KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os Filósofos Pré-Socráticos. 7ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, 2010. 544 p. - Tradução de FONSECA, Carlos Alberto Loura. [p.86 - Fascículo 85]).

<sup>35</sup> Há a controvérsia de que havia tal conhecimento com Hipócrates- admitido como o criador da medicina- e talvez conterrâneo de Tales, entretanto, KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. (KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. Os Filósofos Pré-Socráticos. 7ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, 2010. 544 p. - Tradução de FONSECA, Carlos Alberto Loura. [p.55 - Fascículo 2]) supõe sua vivência apenas no séc. IV. Independentemente, não há menção da dedicação de Tales à anatomia, tão pouco, fisiologia humana.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Logo, a água seria não apenas a base de fixação para a terra, como também a que a engendra, o que remeteria à religiosidade, onde essas “águas” não atuariam como o *Okeanos* ou quaisquer divindades marinhas, mas como uma força maior, como o próprio *Chaos* na mitologia, aquilo que manteria toda a extensão da terra sem que essa se desmoronasse.

Assim, ter-se-ia por convenção ou crença pessoal do filósofo que água seria a substancia originária. Contudo, não diz respeito a ele ousar saber como se portaria e manteria.

Correlacionando com Platão<sup>36</sup>, este diz que: “Autor e pai deste universo é tarefa difícil encontrá-lo e, uma vez encontrado, é impossível indicar o que seja”, tem-se que Tales já ousara dizer o que é; e este não seria alguém, mas algo: a água.

Entretanto, não diria respeito a ele, dentro de suas limitações, justificar o modo ou a intensidade do modo com que essa substância nos governa.

Em outras palavras, Tales teria encontrado a origem de todas as coisas, e sabia o que era, mas não se responsabilizara a questionar como essa se faz capaz de atuar como tal; ou pelo menos não nos foi transmitida a informação de que este a tenha feito.

Dentro desse contexto, portanto, seria impossível considerar que Tales era ateu, uma vez que demonstra respeito perante a divindade atribuída como a origem. Muito embora as máximas religião e razão se confrontem no mundo cristão Moderno (e possivelmente é nesse ponto histórico que atribuem tal divisão e nunca a integração de ambas), em Tales seria um estabelecimento de uma conversação entre o saber humano aprimorado a partir da *physis* e a aplicação da *sophrosyne* quanto medida de equilíbrio dos saberes e pensares, para que a evolução do pensar não se tornasse opositiva às crenças.

Caso tenha havido tal sabedoria por parte de Tales, o título de sábio atribuído a ele não seria em relação a própria gama de conhecimentos e suas aplicações, mas sim seria de mérito à administração de seus conhecimentos, contribuindo grandemente e ainda se mantendo sólido em seus princípios.

---

<sup>36</sup> Citado em Ideusa Celestino Lopes, **Giordano bruno: entre o geocentrismo e o heliocentrismo**, Amargosa, Bahia, Griot - Revista de Filosofia, v.9, n.1, /www.ufrb.edu.br/griot, Junho de 2014.



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Quanto à outra citação de Tales: “*Mesmo os seres aparentemente inanimados podem estar ‘vivos’; o mundo está cheio de deuses*”, segundo Aristóteles e Diógenes Laercio, ele afirmava que a alma era algo de cinético, isto é, que se move. E que Tales a compara com a pedra de magnésia, pois esta, quando aproximada de alguns objetos metálicos, os faziam se deslocarem.

Esta é uma interpretação pertinente, considerando o fenômeno do deslocamento por meio da atração magnética como fundamento para a concepção de Tales; entretanto, o fato de Tales notar que a pedra move e atrai magneticamente o ferro pode não ser o centro da questão, mas sim o fato de dois elementos inanimados interagirem, independentemente da maneira como interagem.

Esse seria o princípio para considerar que tudo possui vida: tudo interage.

Ao notar que alguns elementos da natureza são explicitamente vivos, possivelmente notou que todos os outros também o seriam, de alguma forma. Assim posto, todas as coisas existentes interagiriam de alguma forma, mostrando não apenas que são dotadas de vida, de alma, mas que só se mostrarão aptas a tê-la em situações propícias, como neste caso a pedra só demonstra ter vida quando atraída magneticamente, ou como quando uma folha se move, a faz com o sopro do vento. Sendo então que o que não se move ainda é capaz de mover, mas apenas sobre condições específicas.

Dentro de minha concepção, uma noção de conceitos divergentes é o de deuses e alma. Os quais, integralmente não se justificam. O aspecto divino não se encontra diretamente ligado ao aspecto espiritual ao aplicarmos esses dois conceitos a indivíduos dotados de humanidade no século VI. A “alma” que Tales supostamente cria ser presente em cada ser é a justificativa de que, além de estarem todos rodeados de deuses, cada um possui sua particularidade. Esta particularidade está na subjetividade de cada um.

Entretanto, tal subjetividade não era algo a qual tinham consciência. Eram denominados todos como possuidores de poderes divinos, pois não se tinha a minuciosa compreensão de que cada um poderia apresentar personalidades semelhantes (senão iguais) às das divindades. Tendo em vista que cada indivíduo é composto de pelo menos duas características e, sendo estas divinas, todos possuem deuses;



*IΦ-Sophia*

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Naturalmente, a dada análise remeteria a uma questão cosmogônica, mas não mais é, uma vez que essa visão é notada a partir da *physis* ao considerar o mundo em toda a sua estrutura, racionalizando a perspectiva e tornando essa visão de Tales não como uma necessidade de se explicar pelo divino, mas como uma sabedoria de se determinar até que ponto o poder divino pode influenciar verdadeiramente.

Em linhas gerais, a contribuição filosófica de Tales foi irrefutavelmente gigantesca, entretanto, estabelecer pontos críticos sobre suas considerações faz-se um complexo trabalho, uma vez que sua escrita apresenta vertentes a diversos questionamentos.

Levanto, por meio dos estudos no decorrer da dissertação, as seguintes reflexões: Pode-se questionar se teria Tales escrito de tal forma para que os dizeres fossem considerados cada qual segundo a interpretação de cada ouvinte/ discípulo? Ou: teria Tales dificuldade de expressar de maneira explícita a sua opinião? Ou até mesmo: estaria Tales realmente preocupado em gerar novas teorias quando diz o que diz? Nada se pode confirmar, mas a lição deixada por meios deste filósofo é, inexoravelmente, embrião da filosofia e do pensamento racional.

#### Referências

- PROVETTI JR., José . **A Alma na Grécia, A Origem do Indivíduo no Ocidente**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2000.
- \_\_\_\_\_. **As Origens Gregas do Racionalismo Popperiano** . Toledo: Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Filosofia, 2014.
- KIRK, G.; RAVEN, J. E.; SCHOFIELD, M. **Os Filósofos Pré-Socráticos**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Serviço de Educação e Bolsas, 2010.
- PELLEGRIM, P. **Vocabulário de Aristóteles**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- ARISTÓTELES. **Sobre a Alma**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- ETIENNE, M. **Mestres da Verdade na Grécia Arcaica**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.
- Marcílio Bezerra Cruz, **Síntese do livro “Mestres da Verdade na Grécia Arcaica” de Marcel Detienne**, Piauí, Universidade Federal do Piauí, Cadernos do PET Filosofia, Vol.5, n.10, Jul-Dez, 2014.
- POPPER, R.K. **O mundo de Parmênides: ensaios sobre a iluminação pré-socrática**. Barcelona: A. & M. Gràfic, 1999.
- VERNANT, P.J. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.